

**JORNALISMO CÍVICO:**  
**Uma Análise da Série de Reportagens Especiais Da Semana Da Mulher**  
**Produzida No Portal ORM<sup>1</sup>**

Fabyo Anderson Leite CRUZ<sup>2</sup>

Fabrcio Santos de MATTOS<sup>3</sup>

**RESUMO**

O Jornalismo Cívico é o tema deste artigo científico, que aborda especificamente como recorte do objeto a série de reportagens especiais da Semana da Mulher, produzida na redação do Portal ORM, das Organizações Romulo Maiorana, publicadas entre os dias 8 a 12 de março de 2017. O estudo visa compreender se as matérias enquadram-se nos conceitos fundamentais do tema da pesquisa, realizando uma análise de conteúdo jornalístico. O objetivo principal deste texto acadêmico é apontar o posicionamento dos repórteres sobre a questão dos conteúdos publicados e estimular novas pesquisas em torno do tema. A metodologia também abrangeu uma fase de campo, realizada na sede de empresa, onde foram entrevistados os jornalistas que participaram da série. Conclui-se que os repórteres fizeram um tratamento humanizado em suas matérias, seguindo as diretrizes do Jornalismo Cívico.

**PALAVRAS-CHAVES:** jornalismo cívico; série de reportagens; análise de conteúdo; webjornalismo; Portal ORM.

**1 - INTRODUÇÃO**

Resgatar a credibilidade do Jornalismo perante a sociedade e encontrar uma alternativa para sair da crise na qual a profissão estava submersa foram alguns dos motivos que originaram o chamado Jornalismo Cívico, conhecido também como Jornalismo Público, vertente que surgiu nos Estados Unidos, nos anos 90, a partir da redução de consumo de jornais por parte dos leitores e do incentivo à participação política da população, por meio do

<sup>1</sup> Este projeto é o artigo final de resultado do Projeto de Iniciação Científica “Mapeamento do Mercado do Jornalismo Digital em Belém”, orientado pelo prof. Fabrício Mattos.

<sup>2</sup> Graduado em Jornalismo pela Faculdade Estácio do Pará (Estácio FAP). E-mail: [fabyocruz10@gmail.com](mailto:fabyocruz10@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade da Faculdade Estácio do Pará. Coordenador do Projeto E-mail: [fsdemattos@gmail.com](mailto:fsdemattos@gmail.com)



voto - opcional nos EUA – estimulado pela imprensa e comunidades estadunidenses(SILVA, 2013, *online*).

Pena (2005), define o Jornalismo Cívico como uma outra maneira, além do Jornalismo de Resistência, de lealdade ao cidadão. Na obra, o autor explica que o termo é proposto por David Craig e Edmund Lambeth, no entanto, quem trouxe maior notoriedade à palavra foi Nelson Traquina (2001). De acordo com Felipe Pena (2005), mesmo atuando dentro das redações dos megaconglomerados de mídia e utilizando as práticas jornalísticas que as sustentam, é possível que os profissionais da comunicação consigam exercer o papel cívico do Jornalismo.

Para TRAQUINA (apud PENA 2005), essa tendência será exercida quando o jornalista obedecer alguns conceitos fundamentais como abandonar o critério de objetividade, deixar de ser um observador desprendido e não mais produzir de conteúdo pessimista nas matérias. O profissional também deverá educar a sociedade ao invés de simplesmente noticiar os fatos, ser participante justo do que produz, além de tratar o público como cidadão ao contrário de consumidor.

Com base nesse pressuposto, o objetivo geral desta pesquisa é compreender como o jornalismo cívico pode se manifestar no contexto do Web Jornalismo, a partir da análise de uma série de reportagens especiais sobre a Semana do Dia da Mulher do Portal ORM.

Nesse sentido, os objetivos específicos desta pesquisa são: identificar as características do Jornalismo Cívico na série de reportagens especiais do Portal ORM e apontar o posicionamento dos repórteres sobre a questão dos temas das suas reportagens.

A importância dessa pesquisa é identificar da vertente à profissão do jornalista e contribuir para a pesquisa do tema no Brasil, que ainda é limitada e necessita de novos estudos. Sendo assim, esta pesquisa contribui para o debate do conceito de jornalismo cívico e busca aprofundar o conceito e as análises nesse tipo de prática jornalística.

## **2 - JORNALISMO CÍVICO: O RESGATE DA CONFIANÇA DO PÚBLICO**

O jornalismo é uma profissão que possui natureza social, os jornalistas são encarregados de emitir informações de relevante interesse público à sociedade, de forma responsável e obedecendo sempre a veracidade dos fatos. No Brasil, conforme o Código de

Ética que rege a categoria, em seu artigo 6º, o profissional deve opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, assim como defender os princípios expressos na Declaração dos Direitos Humanos.

Os direitos humanos são os direitos essenciais a todos os seres humanos, sem que haja discriminação por raça, cor, gênero, idioma, nacionalidade ou por qualquer outro motivo (como religião e opinião política). Eles podem ser civis ou políticos, como o direito à vida, à igualdade perante a lei e à liberdade de expressão. Podem também ser econômicos, sociais e culturais, como o direito ao trabalho e a educação e coletivos, como o direito ao desenvolvimento. A garantia dos direitos humanos universais é feita por lei, na forma de tratados e de leis internacionais, por exemplo (PORTAL BRASIL, 2009, *online*).

Na prática, segundo Nelson Traquina (2008), a percepção que temos do Jornalismo em sociedades democráticas possui origens no século XIX, com a evolução da imprensa, o primeiro *mass media*, quando as atenções deixaram de estar voltadas para a propaganda e a notícia passou a ser a mercadoria da vez. Nessa época, os jornais começaram a se profissionalizar, a demanda por profissionais da área aumentou na mesma proporção que as pessoas estavam dispostas a trabalhar e priorizar grande parte do seu tempo à profissão.

A começar do vigente modelo do XIX, denominado *penny press*, nasceram algumas características e princípios que permanecem sendo identificados no Jornalismo contemporâneo como as notícias, a busca pela verdade, a autonomia dos jornalistas, a exatidão, a consciência do jornalismo com um serviço destinado à sociedade.

Apesar de existir um código de ética e todos dos valores do Jornalismo descritos no parágrafo anterior, que direcionam como agir e proceder na hora de produzir e veicular as reportagens, algumas empresas de comunicação e seus respectivos profissionais não seguem de forma correta essas recomendações.

Um exemplo disso foi o que aconteceu com a imprensa norte-americana no final dos anos 80 durante uma tendenciosa cobertura das eleições nos Estados Unidos. No entanto, o fato motivo de questionamentos e dúvidas da comunidade estadunidense, aliado à mudança de posicionamento que alguns veículos comunicação que foram afetados com a queda de audiência, provocada por seu próprio descrédito perante à sociedade, culminou no surgimento do Jornalismo Cívico.

O jornalismo cívico (ou cidadão) norte-americano consiste na cooperação entre imprensa e movimentos sociais ou de associações de bairros, no enfrentamento de problemas tais como violência e drogas. Originalmente, o *civic journalism* tinha como bandeira as campanhas em torno do voto e do

voto responsável. Como nos EUA o voto não é obrigatório, as comunidades, com o apoio da imprensa, entenderam que ir votar e acompanhar o cumprimento dos compromissos por parte dos eleitos eram duas etapas fundamentais para a consecução dos seus objetivos (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2013, *online*).

Naquela época, George Bush e Michael Dukakis concorriam à presidência. O desinteresse em exercer o direito de escolher um representante para o máximo cargo político do país foi empregado à forma como a imprensa abordou as eleições. Ao invés de discutir assuntos de maior significância ao eleitorado, os veículos de comunicação salientaram assuntos como as estatísticas sobre intenção de votos e depois repercutir os números obtidos.

O índice de confiabilidade dos jornais dos EUA caiu de 51%, em 1988, para 21%, em 1995, de acordo com a empresa de consultoria em pesquisa de opinião pública Yankelovich Monitor. A pesquisa mostra que as emissoras de televisão e as revistas impressas também perderam credibilidade. Castilho (1997) acredita na existência de uma relação entre a queda da credibilidade da imprensa e uma baixa constante na confiança dos eleitores norte-americanos para com seus governantes. Várias empresas investigaram, paralelamente, as crises na imprensa e nas instituições. A conclusão foi de que o público estava frustrado com a política nacional e tinha bastante interesse por questões locais (RIBEIRO, 2004, p. 8).

Segundo Fernandes (2008) apud Scortegagna (2013), a crise mobilizou pequenas e médias empresas jornalísticas a repensar uma outra possibilidade de recuperar a sua audiência. Davis Merritt, editor do jornal *The Wichita Eagle*, foi um dos primeiros jornalistas a propor um debate com outros profissionais do ramo sobre a forma de cobertura que a imprensa fazia nos EUA.

A partir desses encontros, com o objetivo de mudar o quadro desfavorável aos veículos de comunicação, os jornais começaram a trabalhar reportagens que aproximassem as comunidades e as fizessem se sentir identificadas com o que era noticiado.

Ainda que o Jornalismo Cívico tenha surgido em 1988, nos Estados Unidos, e seja considerado o maior movimento depois do movimento do Novo Jornalismo, o tema não foi difundido no Brasil. Existem poucos exemplos brasileiros da prática e nenhuma obra de teóricos do movimento traduzida para a língua portuguesa. Livros disponíveis em nossa língua são apenas três: o primeiro, de 2003, *Jornalismo Cívico*, dos portugueses Nelson Traquina e Mário Mesquita, não foi lançado no Brasil. O segundo, a dissertação de mestrado de Márcio Fernandes, publicada como livro em 2008 sob o título *Civic Journalism: haverá um modelo brasileiro?* Teve tiragem de 500 exemplares já esgotados. O terceiro, do professor Luiz Martins da Silva, intitulado *Jornalismo Público – Três textos básicos* foi lançado em 2006 e não está mais disponível. Nesta realidade, a pesquisa acadêmica sobre o tema

no Brasil é escassa e, portanto, carente de novos olhares (SCORTEGAGNA, 2013, p.12).

Nesse contexto, surge o jornalismo cívico, visando resgatar a credibilidade da população, estimulá-los a participar da vida pública, provocar debates e dar suporte para chegar às soluções dos problemas das comunidades locais. A proximidade com a comunidade, a fortificação da democracia e a ética na profissão formaram o alicerce desse movimento.

### 3 - A ESTRUTURA DO PORTAL ORM

O Portal ORM compõe o conglomerado empresarial das Organizações Romulo Maiorana (ORM), que inclui ainda os jornais impressos O Liberal e Amazônia, as rádios Liberal AM, LIB Music FM e Liberal FM, além da TV Liberal e a TV por assinatura ORM Cabo. O portal de notícias na internet está localizado no mesmo prédio dos jornais impressos, situado na avenida Romulo Maiorana, no bairro do Marco, em Belém do Pará.

Em 2003, após a rescisão contratual da franquia Terra, as ORM, detentora do provedor de internet Libnet, decidiu que era hora de ter conteúdo próprio, unir em uma plataforma o conteúdo produzido pelos seus veículos de comunicação e disponibilizar notícias em tempo real produzidas por uma redação própria. Em 29 de abril de 2004, foi lançado o Portal ORM News (em 2017 o termo News foi retirado), primeiro portal de conteúdo do estado do Pará, contando com o material veiculado nos jornais O Liberal e Amazônia, vídeos da TV Liberal, rádios Liberal AM e FM Online e produção de notícias instantâneas, publicadas por uma equipe exclusiva de jornalistas.

Segundo dados disponibilizados pelo gerente Michel Psaros, após 6 meses de existência, foram registrados 10.000 acessos, 35.000 page views mensais, medida aplicada por servidores web para mensurar a audiência de um site na internet, além do surgimento dos seus primeiros anunciantes.

Hoje, o Portal ORM possui uma equipe que conta com desenvolvedores e web designers, profissionais de multimídia, jornalistas, profissionais de redes sociais e equipe comercial. O portal vivencia em 2017 um processo de unificação de redações, onde todos os jornalistas, de O Liberal, Amazônia e Portal, produzirão conteúdo para todos os veículos, priorizando a operação online.

Mensalmente o Portal ORM tem cerca de 1 milhão e 750 mil sessões acessadas; 850



mil visitantes (usuários únicos) e 3 milhões e 650 visualizações de página em média (PSAROS, 2017).

#### **4 - A LINGUAGEM DO WEBJORNALISMO NO PORTAL ORM**

O jornalismo da web possui uma linguagem diferenciada dos demais meios de comunicação como a TV, o rádio e o impresso. O Portal ORM, por exemplo, apresentam as informações de uma forma diferenciada do jornal O Liberal, que também faz parte das Organizações Romulo Maiorana (ORM), devido ao fato da sua plataforma possuir características bastante peculiares, que podem ser acessadas via internet.

Enquanto o jornal impresso possui apenas textos e imagens, as notícias e reportagens na web podem reunir diversas possibilidades como vídeos, áudios, textos, imagens, jogos e outros atrativos com o objetivo de fazer com que o leitor permaneça concentrado e interessado até o final da leitura.

Em grande parte dos sites e portais da grande imprensa, os textos são mais curtos, auxiliados com vídeo reportagens, galeria de fotos e infográficos, além de possuírem o recurso do hiperlink, que acrescentar mais detalhe ao leitor, possibilitando acesso para mais informações.

Para a série de reportagens especiais, o Portal ORM utilizou texto, imagens e infográficos. As mesmas matérias foram compartilhadas na página oficial do veículo no Facebook. Lá, foi possível observar uma das características do Webjornalismo que é a interatividade.

A reação do público foi imediata com elogios, críticas, sugestões de aperfeiçoamento, compartilhamento, aprovações ou até repúdio. O deadline – como é chamado o tempo no mundo dos jornalistas – parece ter diminuído, por conta disso, a pressão por uma checagem das informações tornou-se mais severa.

O hipertexto, que também é uma característica do Webjornalismo, está presente nas reportagens do Portal ORM quando direciona o leitor para sites, blogs e outros conteúdos sugeridos pelos próprios jornalistas, com ligação direta a cada tema abordado.

#### **5 - CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA E OS PROCEDIMENTOS DA**



## PESQUISA

Para a realização desta pesquisa, foi realizado um roteiro de entrevistas (Apêndice A), onde cada jornalista do Portal ORM respondeu a quatro perguntas referentes à idealização da série, a escolha do seu tema, a importância do material produzido para o leitor e a necessidade de pautas sobre questões sociais serem abordadas em veículos de comunicação tradicionais. A pesquisa iniciou no dia 6 de junho de 2017. Segundo Antonio Carlos Gil,

O estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo (GIL, 2002, p. 58-59)

Dados como histórico, estruturação e acesso do Portal foram utilizados por serem fundamentais para situar o veículo no qual o objeto da pesquisa está inserido, as transformações que sofreu ao longo do tempo, as divisões das funções de cada colaborador e a capacidade de abrangência de receptores no consumo e propagação das informações.

Para realizar a análise de conteúdo e adequação em relação às características do Jornalismo Cívico, foi selecionada uma série de seis reportagens especiais sobre a Semana do Dia da Mulher. A análise de conteúdo foi adaptada ao tipo de conteúdo veiculado (série de reportagens especiais) e ao meio descrito (portal de notícias). As categorias da análise foram construídas a partir das características principais do Jornalismo Cívico enquanto conceito.

Assim, pode-se compreender como análise de conteúdo,

A Análise de Conteúdo (AC) surgiu no início do século XX nos Estados Unidos para analisar o material jornalístico, ocorrendo um impulso entre 1940 e 1950, quando os cientistas começaram a se interessar pelos símbolos políticos, tendo este fato contribuído para seu desenvolvimento; entre 1950 e 1960 a AC estendeu-se para várias áreas. Portanto, esta técnica “existe há mais de meio século em diversos setores das ciências humanas”, sendo anterior a Análise de Discurso (CAREGNATO, 2006, p.682).

Assim, a metodologia tem como objetivo tornar compreensivo o modo de produção e conclusão da série especial sobre a Semana da Mulher, a partir de uma análise que aborda

como as características do jornalismo cívico são encontradas em cada uma das reportagens.

## **6 - A ANÁLISE DE CONTEÚDO DE JORNALISMO CÍVICO APLICADA À SÉRIE DE REPORTAGENS ESPECIAIS DO PORTAL ORM**

Ao todo, foram publicadas seis reportagens para a série especial da Semana da Mulher. São elas e seus respectivos autores: “Não se canse - Hoje é mais um dia de luta!”, Tainá Cavalcante; “Vozes que ecoam: O poder do feminismo na internet”, João Ramos; “Representatividade e visibilidade: a mulher no cinema”, Erica Marques; “Feminismo negro: a luta contra a dupla opressão”, Ana Carolina Matos; “Estimular a autoestima e o amor próprio é regra diária”, Vanessa Fortes; e “Representatividade: em cada mulher, uma luta diferente”, Caio Oliveira.

Em seu livro *O estudo do jornalismo no século xx*, Traquina (2001) apud Pena (2005), indexou alguns dos critérios primordiais do jornalismo cívico. São eles:

**TABELA 1 – CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO CÍVICO**

O jornalismo deve ser uma força de revitalização da vida pública;
O jornalismo deve redefinir seus valores e aproximá-los da comunidade;
A objetividade é o primeiro conceito a ser abatido, pois conduz os jornalistas a enquadramentos viciados;
Deve-se evitar o excessivo negativismo e concentrar -se em uma agenda propositiva;
A missão de dar as notícias deve ser substituída por outra: ajudar a melhorar a vida pública;
O jornalista deixa de ser observador desprendido e assume o papel de participante justo;
O público não deve ser concebido como consumidor, mas como cidadão;
O próprio jornalista é um ator político;
As velhas rotinas devem ser quebradas.

TRAQUINA (2001) apud PENA (2005) p. 171.

A partir dessas características apresentadas acima, foram analisados cada texto, observando as palavras políticas que as reportagens contêm, assim como a motivação dos autores em falar sobre seus respectivos temas e seu posicionamento frente às abordagens da imprensa quando se trata de questões sociais.

## **6.1 - As características do Jornalismo Cívico na Série de Reportagens sobre a Semana da Mulher**

Observando com atenção as seis reportagens especiais, é possível compreender que todos os textos abordam situações específicas, dentro do assunto principal, com o objetivo de levar à tona questões pouco discutidas nos veículos de comunicação tradicionais. Foram apresentados nas matérias os desafios pessoais e/ou profissionais das entrevistadas e, acima de tudo, as lutas diárias das mulheres para garantir respeito e novas conquistas em diversos seguimentos da sociedade, assim como discutir a importância do feminismo na contemporaneidade.

### **6.1.1 - Primeira reportagem**

As características do Jornalismo Cívico são encontradas ao longo das reportagens produzidas pelos profissionais do Portal ORM. A primeira reportagem da série a ser publicada, “Não se canse - Hoje é mais um dia de luta!”, da jornalista Tainá Cavalcante, revela desde o título o posicionamento da repórter ao estimular a entrevistada e os demais leitores sobre o enfrentamento contra o câncer e o incentivo à autoestima durante o tratamento (Figura 1).

Figura 1 – Reportagem Não se Canse

## Não se canse - Hoje é mais um dia de luta!

Para as mulheres que enfrentam o câncer, todos os dias são construídos em batalhas. Conversamos com uma dessas guerreiras. Saiba mais:

Por: Tainá Cavalcante (Redação ORM News)  
Em 08 DE MARÇO, 2017 - 14H40 - NOTÍCIAS



"Não há espaço para o cansaço. Lutar sempre, lutar dia após dia". Muitas mulheres irão se identificar com essa frase. Para as que passam pelo câncer, a batalha segue sempre crescente, assim como a força.



Fonte: Portal ORM

O título da matéria, escolhido pela própria repórter, torna a jornalista como uma atriz política - um dos critérios citados na tabela 1 – por escrever algo em que acredita e defende, da mesma forma que contribui, por meio da reportagem, para a revitalização da vida pública – outra característica proposta por Traquina.

A minha reportagem foi sobre a luta de mulheres com câncer. Recentemente conheci a história da Ana, e já era uma vontade falar sobre ela. É inspiradora. Ela em nenhum momento se curvou para luta. Muita gente olha para o câncer com "pena". E ela mostra que não é assim, que a gente pode construir uma vida muito boa, mesmo que em meio a tantas complicações. Ela tem uma força surpreendente e transformou toda a dor dela, em formas e meios de lutar e ajudar. Ela não deixou de participar dos grupos sociais que já participava e sempre foi atrás de coisas novas. Então, assim que decidimos que cada um faria uma matéria especial, ela veio na minha mente imediatamente. A vontade era abordar a força da mulher, seja em momentos bons ou ruins (CAVALCANTE, 2017).

Cavalcante (2017) explica que a equipe de jornalistas decidiu aprofundar a abordagem de cada tema, dando visibilidade às questões que não têm espaço suficiente no portal de notícias devido às pautas factuais – tentativa de mudar as velhas rotinas das redações, último item da tabela 1 – expondo casos reais que podem ser os mesmos enfrentados por outras

mulheres, com objetivo de incentivá-las à superação desses problemas.

Ao longo do texto, percebemos que a reportagem fala sobre o caso sem vitimizar a entrevistada, ao mesmo tempo em que se aproxima das pessoas que também enfrentam a doença, emitindo uma mensagem positiva de que é possível encarar o câncer, embora o tratamento seja delicado. Aqui, verificamos o desvio do excessivo negativismo e o foco em uma agenda propositiva – quarto item da tabela 1.

A reportagem não segue os padrões do lead, da mesma forma que não é objetiva, tece argumento por argumento, apresentando a personagem ao leitor, incentivando-os por uma história de real de superação, além de falar sobre trabalho voluntário e grupos de apoio.

**Como forma de homenagear, esclarecer e dar representatividade, voz e vez para essa luta, o Portal ORM News conversou com Ana Paula Pereira, 39 anos, professora de nutrição na Universidade Federal do Pará (UFPA). Ana Paula descobriu o câncer em 2014 e, desde então, não parou mais. O caminho poderia ter sido diferente, como a mesma afirma. Mas, o desejo de continuar vivendo à docência, a maternidade e, além de tudo, seus sonhos, falou muito mais alto (NÃO SE CANSE..., 2017, *online*).**

Outras características do Jornalismo Cívico encontrado ao longo da reportagem são as palavras políticas, tais como: luta, batalha, representatividade, voz e vez. Estes termos são comumente utilizados por grupos que pelem em defesa de questões sociais, contra desigualdades e injustiças. Desta forma, a matéria abrange todas as características da tabela 1 - com exceção do último item - colaborando à restituição do vigor social.

#### 6.1.2 - Segunda reportagem

A segunda reportagem publicada foi “Vozes que ecoam: O poder do feminismo na internet”, do jornalista João Ramos. O repórter conta que sua motivação em escrever sobre o tema era mostrar a existência de uma grande rede de mulheres que utilizam a internet como recurso para semear o empoderamento feminino e derrubar paradigmas. Ramos (2017) ressalta que esse tipo de pauta é importante por redefinir valores, incentivar debates e contribuir na resolução dos problemas públicos.

O parágrafo anterior mostra como o “jornalista deixa de ser observador desprendido e assume o papel de participante justo” - item 6 da tabela 1 - no momento em que sua inquietude implica em dar notoriedade ao assunto. Como um todo, a reportagem cumpre a

missão de ajudar a melhorar a vida pública, ao invés de dar as notícias – item 5, pois não só informa como também educa quando traz especialistas para discutir o tema (Figura 2).

**Figura 2 – Reportagem Vozes que Ecoam**



**Vozes que ecoam: O poder do feminismo na internet**

Mulheres encontraram na internet um espaço para amplificar o empoderamento feminino

Por: João Ramos (ORM News)  
Em 08 DE MARÇO, 2017 - 17H00 - PARÁ

177

Na internet as mulheres acharam um meio de ter voz. É um espaço amplificado para que elas possam gritar contra a violência, submissão e as injustiças. Junto com essa voz, veio o ódio. E é claro, mais violência e mais misoginia (ódio ou aversão às mulheres). Não são raros os relatos de mulheres que utilizam a internet para se expressar, e sofrem perseguições e ameaças.

Em tempos de textão nas redes sociais, o portal ORM News conversou com estas mulheres que não têm medo de apontar o que está errado, propagar o empoderamento feminino e oferecer ajuda a quem busca respeito e espaço.

Elas usam todos os recursos pra espalhar valores de igualdade de gêneros, denunciar abusos, combater injustiças, modificar pensamentos e, acima de tudo, criar uma rede forte pra mostrar que não estão sozinhas.

**CIBERATIVISMO**

As 24 anos, a multimídia Nathalia Fonseca, se considera uma feminista interseccional, que é um termo que foi criado por uma feminista negra, Kimberlé Crenshaw. A interseccionalidade convida

**Fonte:** Portal ORM

Nessa reportagem, também encontramos palavras políticas como “empoderamento feminino”, “gritar” (no sentido de protestar), “voz”, “combater”, “machista”, “feminismo” e “opressão” que se repetem ao longo do texto.

Em tempos de textão nas redes sociais, o portal ORM News conversou com estas mulheres que não têm medo de apontar o que está errado, propagar o **empoderamento feminino** e oferecer ajuda a quem busca respeito e espaço (VOZES QUE ECOAM..., 2017, *online*).

Como explicou o jornalista, a reportagem empenha-se em dar visibilidade ao discurso feminista na internet, esclarecer diferenças de algumas ramificações do feminismo e mostrar como as mulheres podem se mobilizar para denunciar abusos e compartilhar depoimentos através da web.

A ideia surgiu a partir de uma conversa da equipe em querer produzir um material especial na semana do dia da mulher, então, decidimos que cada

repórter iria abordar temas relacionados à data. A minha motivação foi querer mostrar que existe uma rede forte de mulheres que utilizam a internet como ferramenta para disseminar e propagar o empoderamento feminino e modificar pensamentos. Creio que a série foi importante, conseguimos mostrar as lutas que as mulheres têm de enfrentar todos os dias. Pautas como essas redefinem os valores, incentivam às discussões e ajudam na resolução dos problemas públicos (RAMOS, 2017).

### 6.1.3 - Terceira reportagem:

“Representatividade e visibilidade: a mulher no cinema” foi a terceira reportagem da série, escrita e produzida pela jornalista Erica Marques. Segundo a autora, suas preferências por literatura e produções cinematográficas foram determinantes para abordagem referente à relação da mulher com o cinema (Figura 3).

**Figura 3 – Reportagem Representatividade e visibilidade**

## Representatividade e visibilidade: a mulher no cinema

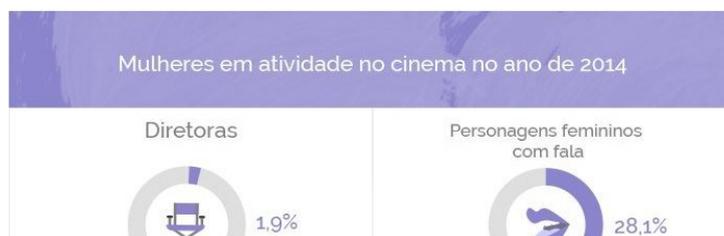
A luta diária em busca do aumento e valorização de trabalhos feitos por e para mulheres

Por: Erica Marques - ORM News  
Em 09 DE MARÇO, 2017 - 15H51 - PARÁ



A relação da mulher com o cinema ainda é muito difícil, apesar das conquistas alcançadas com o passar dos anos. Ainda pode ser notada a falta de presença feminina nas telas e, quando há, muitas vezes são coadjuvantes ou representam algum estereótipo machista.

Estudos indicam que personagens femininas em geral têm poucas falas e mais cenas de nudez do que personagens masculinos, além da falta de representatividade de mulheres negras nas atuações e produções. Essa desigualdade também foi confirmada a partir de dados divulgados pela Agência Nacional do Cinema (Ancine) ao revelar que, no Brasil, diretoras foram responsáveis por apenas 14% dos filmes lançados.



Fonte: Portal ORM

Para ela, a reportagem é importante principalmente aos leitores que desconhecem as produções regionais, e que, a partir da série especial, puderam conhecer trabalhos essenciais no cenário paraense, produzidos por mulheres que enfrentaram diversos obstáculos para

produzi-los e exibi-los em festivais.

Acredito que o papel do jornalista é esse: mostrar para sociedade aquilo que nem todos têm a oportunidade de ver, ler ou ouvir. Pessoas talentosas infelizmente não têm o trabalho reconhecido. Muitas conquistas femininas infelizmente ainda estão ocultas. E por mim que isso possa ser um tema diário a ser abordado pelos meios jornalísticos, sempre é bom podermos inserir nas pautas (MARQUES, 2017).

Mais uma vez o leitor é tratado como cidadão e não consumidor, pois a preocupação aqui é apresentar talentos locais, produções independentes e, acima de tudo, produzidas por mulheres, o que contribui para o enriquecimento da bagagem cultural desse receptor.

#### 6.1.4 - Quarta reportagem:

Ana Carolina Matos foi responsável pela quarta reportagem publicada no Portal ORM, sob o título “Feminismo negro: a luta contra a dupla opressão”. De acordo com a jornalista, apesar de o feminismo ser um tema que ganhou notoriedade nos últimos anos, ainda pouco se discute sobre suas vertentes, entre elas, o feminismo negro (Figura 4).

**Figura 4 – Reportagem Feminismo Negro**

### Feminismo negro: a luta contra a dupla opressão

Além das violências de gênero, as mulheres negras ainda lutam contra a discriminação racial

Por: Ana Carolina Matos (Redação ORM News)  
Em 10 DE MARÇO, 2017 - 17H36 - NOTÍCIAS



Em dez anos, segundo dados do [Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil](#), o assassinato de mulheres negras subiu 54%, enquanto que, no mesmo período, o número de homicídios de mulheres brancas caiu 9,8%. Os números revelam a dupla opressão vivida por essas mulheres, que têm de superar as dificuldades do gênero feminino somadas ao racismo. 'Todas as mulheres são oprimidas pelo machismo, por um sistema de estrutura misógina, mas mulheres negras precisam enfrentar o machismo e o racismo que interseccionados, formam uma opressão ainda mais severa.' explica a professora de filosofia Lívia Noronha, de 27 anos.



A professora, que conheceu o feminismo ainda adolescente mas se dedicou ao ciberativismo feminista aos 24 anos, é mestre em filosofia e se dedica a estudar filosofias feministas. Lívia Noronha dá palestras e cursos gratuitos e conta que usa as redes sociais para potencializar seu alcance e compartilhar informações sobre os direitos das mulheres e empoderamento feminino para que, assim, possa ajudar que mulheres se tornem 'donas de suas

Fonte: Portal ORM

Matos (2017) reconhece que questões sociais como o feminismo não são rotineiras nas pautas dos veículos de comunicação tradicional, enquanto esses assuntos se fazem presentes nas mídias alternativas. Ela deixa claro sua posição sobre importância do debate na grande imprensa tradicional devido ao poder de alcance que esses meios de comunicação possuem.

É interessante tocar em temas que não são discutidos, principalmente em veículos de comunicação de grande abrangência, os veículos de massa. Então, acho que quanto mais discutirmos e falarmos sobre assuntos, que às vezes são esquecidos ou então ficam limitados a veículos da mídia alternativa, é melhor. Se temos esse poder de alcance maior, porque não abordarmos temas relevantes (MATOS, 2017).

Assim como as demais reportagens, ao longo do texto são encontradas palavras políticas como luta, opressão, machismo, misoginia, racismo e mobilização. Ao final da reportagem são sugeridos blogs, colunas de jornais e indicações de autoras para os leitores que tiverem interesse de pesquisar e aprofundar seus conhecimentos sobre o assunto.

Ao falar sobre o feminismo negro, Matos (2017), por meio da sua reportagem, faz que os valores do jornalismo sejam redefinidos, naquele instante, da mesma forma que se aproxima da comunidade, ao abordar o assunto – segunda característica do Jornalismo Cívico.

#### 6.1.5 - Quinta reportagem:

A quinta reportagem “Estimular a autoestima e o amor próprio é regra diária”, da jornalista Vanessa Fortes, fala sobre o trabalho de um grupo de amigas que fazem um trabalho de motivação com outras mulheres, mostrando em um projeto fotográfico, sem photoshop, que tem como objetivo fazer com que elas se aceitem do jeito que são, sem amarras. “Queríamos fazer algo diferente que mostrasse para o leitor que essa data é muito importante, principalmente para mostrar a força, garra e capacidade que a mulher tem e que não é valorizada” (FORTES, 2017).

Segundo Fortes (2017), além do intuito de informar, a série visa levar e valorizar a mulher como um todo, por meio da apresentação dos projetos sociais, trabalhos realizados, ações, movimentos, pesquisas e entre outras atividades. A jornalista também ratifica que as reportagens têm como objetivo abrir os olhos da sociedade para que ela possa se desprender do preconceito que paira em cima dela (Figura 5).

Figura 5 – Reportagem Estimular a Autoestima e o Amor Próprio é Regra Diária

## Estimular a autoestima e o amor próprio é regra diária

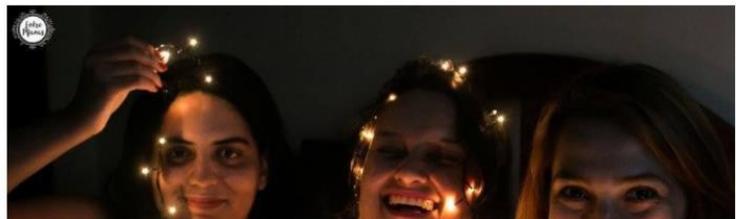
Valorizar a autoestima e se ver com outros olhos é um dos focos do projeto.

Por: Vanessa Fortes (ORM News)  
Em 11 DE MARÇO, 2017 - 13H45 - PARÁ



Existe força maior para ter autoestima do que o amor próprio? Para as idealizadoras do "Entre Manas" essa busca sempre será possível. O projeto é composto por três grandes mulheres: Iaci Gomes, Nair Araújo e Camila Machado. Elas tentam resgatar e estimular, através da fotografia, a beleza e a valorização do amor próprio das mulheres.

É incrível o resultado e a satisfação das pessoas ao se verem com outros olhos. Um olhar diferente, com detalhes do belo. A fotografia para essas meninas é uma paixão, algo que transcende e faz com que esse trabalho se torne mais enriquecedor tanto para quem está sendo clicado quanto para quem participa de todo o processo. "Sabemos a força que tem uma imagem, capaz de retratar sentimentos e contar histórias", contam.



Fonte: Portal ORM

Para a autora da reportagem, a sociedade será igualitária quando seus membros se unirem em busca desse objetivo, incluindo os próprios jornalistas, que devem fazer uso do seu papel de informar e educar seus receptores. Seu posicionamento - do jornalista como atuante em busca do bem-estar social - é um dos principais pilares do Jornalismo Cívico.

Nesse texto, são encontradas algumas palavras políticas como: “manas”, gíria que significa irmãs no movimento feminista; empoderamento; e força. Claramente, a reportagem busca revitalizar a vida pública ao divulgar um projeto feito por mulheres que tem como objetivo promover a autoestima de outras mulheres.

### 6.1.6 - Sexta reportagem:

A última reportagem da série a ser publicada foi “Representatividade: em cada mulher, uma luta diferente”, do jornalista Caio Oliveira. Segundo Oliveira (2017), a temática LGBT, abordada durante a matéria, sempre chamou sua atenção por se tratar de algo que, até então,

ele não tinha muito conhecimento.

Para falar do assunto, o jornalista entrevistou uma mulher transexual e uma cantora lésbica. O autor ressalta que além de mulheres, a luta das duas era multiplicada pela sexualidade de cada uma delas. Ele considera que falar sobre o assunto foi algo esclarecedor, e acredita que possa ser o mesmo aos seus leitores, assumindo o papel de ator político e participante justo, critérios do Jornalismo Cívico. (Figura 6)

**Figura 6 – Reportagem Representatividade**

## Representatividade: em cada mulher, uma luta diferente

A última matéria especial da Semana da Mulher fala sobre a luta das mulheres que fazem parte da comunidade LGBT

Por: Caio Oliveira (ORM News)

Em 12 DE MARÇO, 2017 - 14H10 - PARÁ



O Dia Internacional da Mulher, comemorado na última quarta-feira, foi uma data criada especialmente para dar visibilidade ao sexo feminino e nas muitas lutas que as mulheres têm de enfrentar todos os dias. O fato é que, mesmo que conceitos como respeito e igualdade sejam básicos, cada mulher tem uma luta diferente, e uma maneira distinta de defender o que acredita. Na última reportagem especial da Semana da Mulher, o Portal ORM conversou com duas personagens que têm em comum a defesa do respeito a luta pela igualdade das mulheres da comunidade LGBT.



Para a cantora e compositora paraense Aíla, arte é, acima de qualquer coisa, revolução. Em seu novo álbum "Em Cada Verso Um Contra-Ataque", Aíla investe mais em seu lado ativista, discutindo temas atuais, como questões de gênero, homofobia, feminismo, racismo, entre outros. "Em várias músicas como '#NãoVouCalar' e 'Lesbigay', eu falo de temas urgentes pro agora, como a questão do assédio sexual e a desconstrução de padrões de gênero. Em faixas como essas, eu sinto uma resposta imediata. as pessoas me dizem que as letras refletem exatamente a vida delas. e de certa

**Fonte:** Portal ORM

Oliveira (2017) defende a ideia que todos os temas abordados na série são importantes e que essas questões que não podem mais ser ignoradas como no passado.

A ideia surgiu de uma necessidade mesmo. Percebemos que não podíamos deixar de falar sobre temas tão relevantes em uma data tão importante como a Semana da Mulher. Ainda mais na internet, onde as pessoas estão mais expostas a ideias divergentes. Foi então que eu percebi que essa era uma grande chance de poder elucidar algumas questões (OLIVEIRA, 2017).

Ele define esse formato de jornalismo como um serviço primordial para a comunidade. Nessa reportagem encontramos palavras políticas como visibilidade, enfrentar, respeito, igualdade, respeito, luta, igualdade, feminismo, homofobia, racismo e voz.

Qualquer conteúdo jornalístico tem a obrigação de elucidar as pessoas sobre um tema. Eu tive que parar, estudar, pesquisar, entrevistar, aprender termos, formular perguntas... Tudo para tentar entregar aos leitores o melhor ponto de vista possível. Tive que me deslocar do meu próprio ponto de vista para dar prioridade ao das entrevistadas e, com isso, oferecer uma experiência para os leitores. Em suma, o nosso objetivo foi fazer com que as pessoas comecem a enxergar a vida com a perspectiva do outro e entender um pouco do que elas passam (OLIVEIRA, 2017).

## 6.2 - Comparativo geral das características do Jornalismo Cívico nas reportagens

Considerando as características do Jornalismo Cívico, foi possível criar categorias e definir a quantidade de palavras ou expressões que estão ligadas diretamente para o perfil da vertente jornalística, e que aparecem durante os textos da série. O quadro está dividido em quatro categorias, são elas: termos políticos, agenda propositiva, aproximação com a comunidade e quebra de objetividade.

Os termos políticos são palavras ou expressões comumente utilizadas, principalmente, por integrantes de movimentos sociais, militantes de partidos políticos, representantes de sindicatos, entre outros grupos de viés político ligados às minorias sociais, tais como: movimento feminista, negro, LGBT entre outros. Como é possível verificar na Tabela 1, esses termos correspondem a 81 ocorrências.

**TABELA 1 - ANÁLISE DE CONTEÚDO DA SÉRIE DE REPORTAGENS**

<b>CATEGORIAS</b>	<b>PALAVRAS OU EXPRESSÕES</b>	<b>TOTAIS</b>
TERMOS POLÍTICOS	“EMPODERAMENTO”, “REPRESENTATIVIDADE”, “NÃO SE CANSE”, “BATALHAS”. “GARRA”, “CORAGEM”, “PODER”, “AMPLIFICAR”, “VEZ”, GRITAR”, “APONTAR”, ”IGUALDADE DE GÊNERO”, “COMBATER”, “MODIFICAR PENSAMENTOS”, “FEMINISMO”, “FEMINISMO INTERSECCIONAL”, “MOVIMENTOS”, “CIBERATIVISTA”, “CONECTADAS”, “RESPEITO”, “MACHISMO”, “INTEGRAÇÃO”, “MOBILIZAÇÃO”, “EMPATIA”, “AMPLIFICAÇÃO”, “DOMINAÇÃO PATRIARCAL”, “ATACAR”, “QUESTÕES DE GÊNERO”, VISIBILIDADE”, “LUTA”; “RESISTENCIA”, “OPRESSÃO”, “VOZ”, ENTRE OUTROS.	81
AGENDA PROPOSITIVA	- ENFRENTAMENTO AO CÂNCER - ESTÍMULO À AUTOESTIMA - INCENTIVO ÀS PRODUÇÕES CULTURAIS - FEMINISMO NA INTERNET - RECONHECIMENTO DE IDENTIDADE	6
APROXIMAÇÃO DA COMUNIDADE	FEMININA, NEGRA, ARTISTICA, LGBT	4
QUEBRA DA OBJETIVIDADE	TODOS OS TEXTOS NÃO INICIAM COM SEUS PRÓPRIOS TEMAS ESPECÍFICOS.	6
PÚBLICO COMO CIDADÃO	ORIENTAÇÕES, INFORMAÇÕES E EXPLICAÇÕES APROFUNDADAS, BUSCANDO EDUCAR O LEITOR/ USUÁRIO.	6
JORNALISTA COMO PARTICIPANTE	REPORTAGENS PAUTADAS PELOS PRÓPRIOS JORNALISTAS POR MOTIVAÇÕES SINGULARES	6

**FONTE:** Elaborada pelo autor, com base nos dados da pesquisa.

Superação, autoestima, cultura, feminismo, reconhecimento de identidade e subdivisões do feminismo foram os enfoques das pautas da série de reportagens especiais do Portal ORM. Na tabela, elas estão como as agendas propositivas, segunda categoria que visa apresentar assuntos que colaboram para o bem-estar social.

Cada reportagem teve aproximação com determinado grupo social. Estes grupos foram elencados na terceira categoria, denominada como “aproximação da comunidade”. A categoria seguinte apontou a quantidade de matérias que foram na contramão do critério de objetividade no jornalismo.

A quinta categoria é responsável pela enumeração das contribuições que justificaram o tratamento do público como cidadão, ao invés de consumidores de notícias, em cada uma das reportagens. Por fim, a última categoria lista a quantidade de vezes de jornalistas, participantes da série, que atuaram como atores políticos na série.

## 7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela pesquisa foi possível apresentar uma abordagem jornalística diferenciada sobre a Mulher na sociedade, durante a semana em que é, internacionalmente, celebrado o seu dia. As seis reportagens especiais produzidas pela equipe de jornalistas do Portal ORM abordaram pautas que fogem à regra da linha editorial dos veículos de comunicação das Organizações Romulo Maiorana (ORM), na qual o próprio portal de notícias está inserido.

Assim como os demais veículos jornalísticos, o Portal ORM segue as tradicionais diretrizes de um jornal tradicional voltado para o público da internet. No entanto, nessa semana, as reportagens seguiram uma linha destoada do habitual. As matérias apresentaram características de um movimento oriundo da imprensa norte-americana chamado Jornalismo Cívico, objeto de estudo desta pesquisa.

Apesar de ser pouco discutido no Brasil, o Jornalismo Cívico é um assunto fundamental que merece atenção e novas pesquisas em torno do tema. A imprensa, desde sua origem, sempre foi contestada em relação a imparcialidade, sensacionalismo, apuração, desrespeito aos Direitos Humanos e até mesmo alienação. Portanto, o Jornalismo Cívico, da mesma forma como aconteceu nos Estados Unidos, é uma possibilidade do resgate da

credibilidade da profissão, que pode ser empregada nas redações brasileiras.

O Portal ORM não é um veículo de comunicação voltado à vertente do Jornalismo Cívico, mas portou-se como um ao falar sobre a Semana da Mulher, sob as perspectivas sociais, geralmente atribuídas aos veículos alternativos. Como foi mencionado pelos jornalistas, cada assunto nasceu de inquietudes e o que foi escrito por ele é nada mais que seus valores e princípios, demonstrando a participação do jornalista como um ator político e participante justo daquilo que escreve.

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Tainá. **Entrevista** concedida a Fabyo Cruz em 3 de junho de 2017, por e-mail

CAVALCANTE, Tainá. Não se canse - **Hoje é mais um dia de luta!**. Portal ORM. Mar. 2017. Disponível em: <<http://www.ormnews.com.br/noticia/nao-se-canse-hoje-e-mais-um-dia-de-luta>> Acesso em: 23 mai. 2017.

Declaração Universal dos Direitos Humanos garante igualdade social. **Portal Brasil**. Nov. 2009. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2009/11/declaracao-universal-dos-direitos-humanos-garante-igualdade-social>> Acesso em: 23 set. 2017.

FORTES, Vanessa. **Entrevista** concedida a Fabyo Cruz em 3 de junho de 2017, por e-mail.

FORTES, Vanessa. **Estimular a autoestima e o amor próprio é regra diária**. Portal ORM. Mar. 2017. Disponível em: <<http://www.ormnews.com.br/noticia/estimular-a-autoestima-e-o-amor-proprio-e-regra-diaria>> Acesso em 23 mai. 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARQUES, Erica. **Entrevista** concedida a Fabyo Cruz em 19 de setembro, por e-mail.

MARQUES, Erica. **Representatividade e visibilidade: a mulher no cinema**. Portal ORM. Mar. 2017. Disponível em: <<http://www.ormnews.com.br/noticia/representatividade-e-visibilidade-a-mulher-no-cinema>> Acesso em: 23 mai. 2017.

MATOS, Ana. **Entrevista** concedida a Fabyo Cruz em 21 de setembro, por e-mail.

MATOS, Ana. **Feminismo negro: a luta contra a dupla opressão**. Portal ORM. Mar. 2017. Disponível em: <<http://ormnews.com.br/noticia/feminismo-negro-a-luta-contra-a-dupla-opressao>> Acesso em: 23 mai. 2017.

OLIVEIRA, Caio. **Entrevista** concedida a Fabyo Cruz em 19 de setembro, por e-mail.

OLIVEIRA, Caio. **Representatividade: em cada mulher, uma luta diferente**.

Portal ORM. Mar. 2017. Disponível em:

<<http://www.ormnews.com.br/noticia/representatividade-em-cada-mulher-uma-luta-diferente>> Acesso em 23 mai. 2017.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005

PIANA, MC. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]; São Paulo:UNESP: 2009. 233 p.

PRADO, Mônica. BARROS, Luís Gustavo Martins. **O Jornalismo Público praticado pelo programa *Cidades e Soluções***. Brasília, 2009. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/platb/files/336/theme/jornalismo.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2017.

PSAROS, Michel. **Entrevista** concedida a Fabyo Cruz em 28 de setembro de 2017, por e-mail.

RAMOS, João. **Entrevista** concedida a Fabyo Cruz em 6 de junho de 2017, por e-mail.

RAMOS, João. **Vozes que ecoam: O poder do feminismo na internet**. Portal ORM. Mar. 2017. Disponível em: <<http://www.ormnews.com.br/noticia/vozes-que-ecoam-o-poder-do-feminismo-na-internet>> Acesso em: 23 mai. 2017.

RIBEIRO, Juliana Colussi. **Da política ao debate: jornalismo regional e espaço público**. 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/ribeiro-juliana-da-politica-ao-debate.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2017.

SILVA, Luiz Martins da. **Jornalismo como ferramenta do exercício da cidadania**. Observatório da Imprensa. Out. 2013. Disponível em:

<[http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-](http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed766_jornalismo_como_ferramenta_do_exercicio_da_cidadania/)

[questao/\\_ed766\\_jornalismo\\_como\\_ferramenta\\_do\\_exercicio\\_da\\_cidadania/](http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed766_jornalismo_como_ferramenta_do_exercicio_da_cidadania/)> Acesso em: 20 set. 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Vol. 2. ed. São Paulo: Insular, 2008.